

CORREIO POLÍTICO

Ricardo Stuckert/PR



Xi Jinping não conseguiu adesão à Nova Rota da Seda

Um possível freio na Nova Rota da Seda

Ninguém imagina que venha a acontecer alguma interferência do governo da China sobre a Venezuela depois da invasão do país pelos Estados Unidos com a prisão de Nicolás Maduro. Esse tipo de intervenção não é o perfil dos chineses, que preferem ser agressivos apenas no campo econômico. Mas o que aconteceu na madrugada de sábado (3) no país vizinho deixou preocupadas as empresas da China que têm ampliado seus investimentos no Brasil. Segundo um interlocutor que atua junto aos chineses, há uma impressão generalizada de que o movimento de Trump na Venezuela inaugura um tempo de maiores intervenções, o que pode mergulhar a dinâmica econômica global num campo de incerteza.

Planos globais

Ninguém fala ainda em frear seus investimentos, mas poderá haver um freio na política econômica global da China, no que ela batiza de “Nova Rota da Seda”. A primeira Rota da Seda era uma rede que conectava a China ao ocidente no seu comércio no século 2 antes de Cristo. A Nova Rota da Seda é a ideia chinesa de promover novos caminhos para os produtos do país, conectando principalmente os países do hemisfério Sul.

Divulgação



A Luckin' Coffee virou a maior rede de cafés do mundo

Brasil não assinou o tratado

Quando o presidente da China, Xi Jinping, visitou o Brasil no final de 2024, esperava sair do país com a assinatura do acordo com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para aderir à Nova Rota da Seda. Não conseguiu. A diplomacia brasileira já vislumbrava ali reações do governo Trump nos Estados Unidos. Assinou outros acordos, mas evitou entrar de cabeça na estratégia chinesa. Agora, a avaliação das empresas da China são de que, na verdade, esse é o foco principal da intervenção de Trump: mandar a todos o recado de que não permitirá “intrusos” no continente.

Trump não tem sutilezas

Concorde-se ou não, é assim que Trump vê outros países que têm interesse econômico na América. E Trump já demonstrou que não tem sutilezas. As regras básicas da diplomacia não costumam valer muito para o presidente dos Estados Unidos. O problema é como os que investiram pesado no país podem prever para o futuro.

POR
RUDOLFO LAGO

Investimentos

A China vem investindo pesado no Brasil nos últimos anos. Segundo o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), os investimentos chineses no Brasil bateram um recorde em 2024, atingindo US\$ 4,2 bilhões. As áreas mais fortes foram energia, infraestrutura, agronegócio e tecnologia, especialmente carros elétricos.

Destino

O Brasil tornou-se o terceiro maior destino de investimentos da China no mundo. Na linha da Rota da Seda, a China usa uma estratégia batizada de “silk belt” (cinto de seda), que consiste em conectar os mercados garantindo a infraestrutura, as condições para que a relação não se rompa.

Luckin' Coffee

Na linha inversa, aumenta também a presença brasileira na China. Um exemplo: a Luckin' Coffee, da China, ultrapassou o Starbucks e tornou-se a maior rede de cafeterias do mundo. E o Brasil fornece café para a Luckin' Coffee. Um contrato foi firmado no ano passado para que Rondônia fornecesse café para a rede.

Pretextos

Se Trump avançará sobre o Brasil para tentar conter esse avanço chinês, ainda não se sabe. Na verdade, ele precisará de pretextos para novas ações. Como os que conseguiu no caso da Venezuela, afirmando que o país promoveria a partir do próprio governo de Nicolás Maduro o que classificou de “narcoterrorismo”.

Segurança

Vem daí a grande preocupação do governo brasileiro com os movimentos da oposição que visam passar a classificar o crime organizado como ação terrorista. Eles poderiam ser o pretexto pretendido por Trump para promover por aqui uma ação como fez na Venezuela e ensaia fazer agora na Colômbia.

Oposição

Boa parte dos políticos de oposição aplaudiu a ação de Trump na Venezuela. Mais afobado, o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) chegou a defender uma intervenção dos EUA no Brasil. Uma situação delicada que exige muita cautela. Não apenas por parte do governo brasileiro, mas dos investidores chineses.



Maduro sendo conduzido pelos soldados norte-americanos

Captura de Maduro lança incertezas sobre eleições

Governo brasileiro acompanha crise com cautela

Por Beatriz Matos

A captura do presidente venezuelano Nicolás Maduro por forças dos Estados Unidos, no último fim de semana, inaugurou uma nova fase de instabilidade política na América Latina e lançou dúvidas sobre as condições de realização das eleições previstas para este ano na Venezuela.

O episódio reacendeu temores de interferência externa no processo eleitoral e passou a ser acompanhado com cautela por governos da região, entre eles o Brasil, que tenta calibrar o discurso diplomático para defender a soberania regional sem ser associado a uma defesa do regime chavista.

Na manhã de sábado (3), poucas horas após o anúncio da captura, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) conversou por telefone com a vice-presidente venezuelana Delcy Rodríguez, que assumiu interinamente o comando do país por decisão do Tribunal Supremo de Justiça.

Segundo o Palácio do Planalto, Lula buscou apenas “tomar pé” da situação e não tratou de sucessão política. Segundo fontes, um novo telefonema entre os dois deve ocorrer até a manhã desta terça-feira (6), dentro da estratégia brasileira de acompanhar de perto a evolução do cenário e evitar uma escalada diplomática.

Para a diplomacia brasileira, o argumento apresentado por

Washington — o combate ao narcotráfico — funcionou como pretexto para a ação militar que resultou na prisão de Maduro.

A avaliação predominante no Itamaraty é de que o foco real da ofensiva esteja ligado ao petróleo venezuelano e à consolidação de uma nova estratégia de segurança dos Estados Unidos para a região, anunciada no início de dezembro pelo governo de Donald Trump.

Na avaliação de Eduardo Galvão, professor de Políticas Públicas do Ibmecc e especialista em risco político, o maior perigo não está apenas no ataque em si, mas no “dia seguinte”: o vácuo de poder, a reorganização de forças internas e a disputa por controle institucional podem criar um ambiente ainda mais instável, com impactos diretos sobre a legitimidade e a segurança das eleições.

A advogada internacionalista Elisa de Sousa Ribeiro, avalia que a prisão de Nicolás Maduro impõe um novo grau de incerteza ao processo eleitoral venezuelano, ao interromper o arranjo político que sustentava o poder. “A captura de Maduro altera de forma substantiva o contexto institucional e político das eleições venezuelanas. A saída forçada do chefe do Executivo rompe a continuidade do arranjo de poder que controlava o processo eleitoral, o que pode impactar diretamente nas condições do pleito”, afirma.